



***Youtube* e Movimentos Sociais: uma análise do canal “Mobilização Nacional Indígena”**

Everson Umada Monteiro ¹

Resumo: O artigo analisa a utilização do *YouTube* por movimentos sociais indígenas na organização e divulgação de ações em prol dos seus direitos. A sociedade em rede propõe uma nova forma de interagir e de produzir conhecimento, onde os códigos digitais permitiram a convergência das mídias. Por convergência, entende-se a interação dos meios para a disseminação de conteúdo. Com a facilidade ao acesso, os movimentos sociais passaram a utilizar a internet como meio de mobilizar suas ações. O canal da Mobilização Nacional Indígena é exemplo destas. Através da exposição de vídeos que informam sobre a mobilização nacional indígena ocorrida entre os dias 13 e 16 de abril de 2015 em Brasília – DF, os movimentos indígenas apresentam narrativas através de sua ótica, o que contribui para a construção da inteligência coletiva.

Palavras-chave: *YouTube*. Convergência. Indígena. Movimentos sociais.

¹ Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, email: eversonum@gmail.com

INTRODUÇÃO

A evolução das tecnologias da informação associadas aos meios de comunicação transformaram os modelos socioeconômicos e culturais da sociedade contemporânea. Nesta perspectiva, as linguagens midiáticas sofreram transformações onde o comportamento do usuário passa a ter um viés mais participativo nas produções comunicacionais. Este novo papel do usuário, que transita entre o dualismo de receptor/produtor da mensagem, demonstram uma maior democratização da informação se comparada às outras mídias de massa.

Esta característica participativa no processo de produção e distribuição do conteúdo demonstra um paradigma midiático que se equipara com a teoria de McLuhan (2011, p.21) do “meio é a mensagem”, onde o meio torna-se fator crucial para a mensagem por carregar em si um caráter cultural. Dentro desta perspectiva, o *YouTube*, um cibermeio no qual a cultura participativa é parte de sua existência. A liberdade de expressão proposta pela interface apresenta aos usuários uma nova forma de interagir, na qual produções amadoras podem tomar proporções mundiais de visualização.

Diante das possibilidades que esta plataforma proporciona, torna-se cada vez mais comum a sua utilização por grupos minoritários para exercerem práticas em busca de uma maior representação na sociedade. Neste contexto, as populações indígenas encontraram na internet uma ferramenta que permitiu a exposição de narrativas com base em suas perspectivas, fato que proporcionou maior representação deste grupo social.

Assim, o presente artigo tem por objetivo analisar a utilização do cibermeio *YouTube* pelos movimentos indígenas em prol da luta de seus direitos. Para tal, foi realizado uma breve análise do conteúdo publicado no canal Mobilização Nacional Indígena², buscando elucidar as ferramentas utilizadas para disseminação do conteúdo produzido. Os critérios de análise encontram-se na verificação da interação dos leitores com o conteúdo (através dos números de visualizações, ferramentas

² Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCIDiCgobjud78vGgHsMWmjQ>> Acesso em 20/06/2015.

"gostei", "não gostei" e comentários), no compartilhamento dos vídeos em outros sítios (redes sociais e *blogs*) e no conteúdo dos vídeos em relação aos objetivos de seus produtores.

1. As transformações midiáticas e os movimentos sociais

A comunicação em rede, no qual está inserida a sociedade atual, modificou os paradigmas social e econômico da sociedade contemporânea. Este mundo interligado permitiu a diluição das fronteiras entre produtores e receptores da informação, o que trouxe um perfil mais democrático e participativo nas mídias, no qual substitui o modelo de um-todos para o todos-todos³.

O conceito de sociedade em rede descrita por Castells (1999) é baseada em uma rede global que transcende as fronteiras, onde estas

[...] são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). (CASTELLS, 1999, p. 499)

Por isso, as novas mídias digitais propõem uma nova forma de interagir e de produzir conhecimento, onde todos podem contribuir para a construção do que Levy (2003) define como “inteligência coletiva”. O termo designa “[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.” (LEVY, 2003, p. 28). Deste modo, o ciberespaço⁴ permite à sociedade um papel mais ativo na construção do saber coletivo.

Manovich (2005b) aponta a propriedade democrática que as novas mídias permitem, já que dão melhor acesso ao “real” a partir da oferta de maior imediatismo e/ou da possibilidade de representar aquilo que antes não era possível, fato que contribui para a “erosão dos valores morais”, destruição da “relação natural entre homem e mundo” e eliminação da distância entre observador e observado

³ Termos utilizados por Piérre Levy (1999, p. 63) que define um – todos como interatividades do tipo tradicional realizada pelos seres humanos antes do advento da cibercultura e a interatividade todos – todos como a comunicação na qual os indivíduos podem trocar, negociar e intercambiar diferentes experiências ao mesmo tempo.

⁴ Espaço virtual composto por usuários e computadores conectados em uma rede mundial.

(MANOVICH, 2005b, p. 37-38). Tais características demonstram a predisposição para o caráter inclusivo da internet, o que permite que vozes excluídas dos meios de comunicação de massa tornem-se acessíveis para a população, mesmo que tal fenômeno ainda ocorra de maneira discreta.

A desigualdade encontrada na sociedade é refletida nos meios de comunicação de massa. Para Dahrendorf (1992), as relações de produção são mantidas pelas classes dominantes e, assim, o interesse em manter as estruturas como estão, em particular os padrões de riqueza existentes, é latente. Em contrapartida, as classes oprimidas tiram seu vigor das "forças produtivas", ou seja, as forças de mudança para modificar o cenário existente (DAHRENDORF, 1992, p.19). É neste cenário que os movimentos sociais indígenas se inserem, desfavorecidos pelo sistema político e, também, pelas representações midiáticas.

2. Princípios das novas mídias e convergência digital na construção do saber coletivo

A linguagem da internet possui particularidades que permitem novas práticas comunicacionais. Se antes cada meio possuía sua especificidade, hoje não existem barreiras que os separem devido a sua tradução para os códigos digitais. Assim, como afirma Manovich, "as novas mídias reduzem-se a dados digitais que podem ser manipulados por *softwares* como quaisquer outros dados. Isso permite automatizar muitas das operações das mídias, gerar múltiplas versões do mesmo objeto, etc." (MANOVICH, 2005b, p. 29)

Para melhor entender as possibilidades que os códigos trazem para a comunicação, Manovich (2005a) aponta cinco princípios das novas mídias: a) representação numérica, onde um objeto da nova mídia pode ser descrita em termos formais (matemáticos) e submetido a uma manipulação algorítmica; b) modularidade, na qual os elementos midiáticos são representados por coleções de amostras discretas que se agrupam em objetos de maior escala, mas que mantêm suas identidades separadamente. (MANOVICH, 2005a, p. 76); c) automação, que permite a criação, manipulação e acesso aos objetos das mídias de maneira automatizada, o que elimina, em partes, a intencionalidade humana do processo criativo. (MANOVICH,

2005a, p. 77); d) variabilidade, que demonstra os objetos da nova mídia como não fixos e, por isso, podem existir em distintas versões. (MANOVICH, 2005a, p. 82) e; e) transcodificação, elemento que permite a conversão dos meios em dados de computador que representam uma organização estrutural que tenha sentido para os usuários. (MANOVICH, 2005a, p. 92).

As propriedades descritas por Manovich demonstram como os avanços tecnológicos admitiram a fluidez dos meios de comunicação em uma realidade de convergência. De acordo com Santaella (2004, p. 60), devido à digitalização e à compreensão dos dados "todas as mídias podem ser traduzidas, manipuladas, armazenadas, reproduzidas e distribuídas digitalmente". Assim, ao transformar os objetos em códigos, os computadores tornaram possível a conversação entre as diferentes plataformas midiáticas.

A convergência midiática tem como fundamento a definição dada por Jenkins:

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 27)

Nesta contextualização, o termo não se encerra na ideia de diversas mídias em um mesmo aparelho, mas sim na interação dos meios para a disseminação de conteúdo.

Além disso, o autor afirma que a convergência também ocorre no cérebro de cada indivíduo e em suas interações sociais, onde os fragmentos e pedaços de informações extraídos dos fluxos midiáticos constroem a nossa compreensão da vida cotidiana (JENKINS, 2009, p. 28). Deste modo, a participação de cada indivíduo no ciberespaço assume um papel importante na construção da inteligência coletiva, fato que contribui para a formação de uma ecologia de saberes e permite a democratização da informação.

3. O *YouTube* como mediador da Mobilização Nacional Indígena

Criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, o *YouTube* foi lançado em maio de 2005 com o objetivo de simplificar e ampliar o compartilhamento de vídeos pela internet. Em seu lançamento, o serviço ofertado pelo cibermeio não era inédito,

já que existiam outras páginas que também tinham o mesmo propósito. O que acrescentou maior valor ao sítio foi a interface simples e integrada, que permitiu com que os usuário fizessem *uploads*⁵, publicassem e assistissem vídeos em *streaming*⁶ sem possuir alto conhecimento técnico e dentro das restrições tecnológicas e da baixa oferta de banda larga.

Hoje, o *YouTube* possibilita a qualquer pessoa que tenha acesso à internet e possuir uma câmera se tornar produtor e distribuidor em potencial. Ainda, através de um dispositivo móvel com conexão à internet, como celular ou *tablet*, as pessoas podem divulgar vídeos quase que instantaneamente. Esta liberdade ofertada ao público transformou o cibermeio em um espaço público, onde a expansão da pluralidade de vozes cria e dissemina diariamente milhares de textos audiovisuais.

Além disso, os vídeos no *YouTube* permitem a interação do usuário com o conteúdo através da reconstrução dos audiovisuais, como afirma Manovich (2005b, p. 29): “As novas mídias reduzem-se a dados digitais que podem ser manipulados por *softwares* como quaisquer outros dados. Isso permite automatizar muitas das operações das mídias, gerar múltiplas versões do mesmo objeto, etc.” Esta variabilidade de conteúdos só é permitida devido a modularidade dos elementos midiáticos, que admite a sua fragmentação de maneira independente e possibilita a sua reestruturação em outros formatos. Ainda, a característica da representação numérica dos novos meios permite que os códigos dos vídeos sejam programados e transformados em novas linguagens.

3.1. Análise do canal Mobilização Nacional Indígena no *Youtube*

Os movimentos indígenas no Brasil tiveram início na década de 70, onde líderes, comunidades e organizações indígenas, através de um esforço conjunto e articulado, criaram uma agenda comum para realizar suas lutas. Foi através destes movimentos e de seus apoiadores que os indígenas conseguiram "convencer a sociedade brasileira e o Congresso Nacional Constituinte a aprovar, em 1988, os

⁵ Ato de enviar dados para um computador remoto.

⁶ Tecnologia que transmite informações multimídia através da transferência de dados.

avançados direitos indígenas na atual Constituição Federal" (LUCIANO, 2006, p.59). Como consequência, os movimentos trouxeram a superação do estigma de desaparecimento gradual de sua população, fortalecimento das identidades indígenas, ampliação das participações políticas na sociedade, conquistas de demarcações territoriais, além expor os temas que afligem as comunidades para o âmbito nacional e internacional.

Nesse contexto, a Mobilização Social Indígena surge como movimento social na busca de melhor articulação nas lutas pelos direitos indígenas. O movimento é uma iniciativa da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib⁷) e tem como intuito convocar as populações indígenas de todo o país, além de movimentos sociais do campo e da cidade, para a defesa e ampliação dos direitos indígenas adquiridos pela Constituição Federal de 1988. Atualmente, tais direitos estão ameaçados devidos projetos de lei e emendas constitucionais que beneficiam os interesses dos ruralistas e latifundiários, como a PEC 215.

Além do canal no *YouTube*, a mobilização possui uma página na rede social *Facebook*⁸ e um *blog*⁹ de notícias onde são distribuídos conteúdos sobre a luta pelos direitos indígenas realizadas em diversas regiões do país, campanhas sobre as mobilizações em defesa de seus direitos, divulgação de fotos das ações e protestos realizados, além de conteúdo em formato de vídeo. Sobre o perfil (canal) da Mobilização Social Indígena no *YouTube*, o mesmo foi criado no dia 1º de abril de 2015, possui 6 vídeos postados e, no total, 4.515 visualizações¹⁰.

A criação de canais pelos usuários juntamente com a interação permitida entre estes perfis trazem ao *YouTube* um perfil de rede social. Esta pode ser feita através

⁷ A Apib é uma instância de aglutinação e referência nacional do movimento indígena brasileiro criada em 2005 com fins de tornar visível a situação dos direitos indígenas e reivindicar do Estado brasileiro o atendimento das demandas e reivindicações dos povos indígenas. É constituída pelas seguintes organizações: Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), Articulação dos Povos Indígenas do Pantanal e Região (ARPIPAN), Articulação dos Povos Indígenas do Sudeste (ARPINSUDESTE), Articulação dos Povos Indígenas do Sul (ARPINSUL), Grande Assembléia do povo Guarani (ATY GUASSÚ) e Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB).

⁸ Disponível em <<https://www.facebook.com/pages/Mobiliza%C3%A7%C3%A3o-Nacional-Ind%C3%ADgena/678717902233048?ref=ts&fref=ts>> Acesso em 20/05/2015.

⁹ Disponível em <<https://mobilizaconacionalindigena.wordpress.com/>> Acesso em 20/05/2015.

¹⁰ Dados do YouTube verificados às 16h21min (horário de Brasília) do dia 01/07/2015.

de comentários e avaliações dos vídeos através da ferramenta “gostei” e “não gostei” encontrado abaixo dos vídeos. O cibermeio também oferece um ambiente para discussão nos canais. A tabela 1 apresenta a interação do conteúdo com o público:

Tabela 1 – Interação dos leitores com o conteúdo do canal Mobilização Nacional Indígena¹¹.

Data	Título do vídeo	Duração (em minutos)	Número de visualizações	Uso do botão “Gostei”	Uso do botão “Não gostei”	Comentários
9/4/15	Brasília: Mobilização Nacional Indígena 2015 - APIB	2'48”	2.026	31	0	4
14/4/15	Montagem do Acampamento Terra Livre 2015	2'47”	1.209	14	0	3
15/4/15	Acampamento Terra Livre 2015 - Vigília no STF	3'55”	379	13	0	0
15/4/15	Mobilização Nacional Indígena	2'27”	454	8	0	3
16/4/15	Acampamento Terra Livre - dia 2	5'49”	260	4	0	2
20/4/15	Fala de encerramento do acampamento - Sonia Guajajara - 18 de abril de 2015	3'52”	324	6	0	3

Como observado, o vídeo com maior visualização foi o “Brasília: Mobilização Nacional Indígena 2015 – APIB”, primeiro postado do canal que aborda a divulgação da Mobilização Nacional Indígena 2015 ocorrida em Brasília entre os dias 13 e 16 de

¹¹ Dados verificados às 17h32min (horário de Brasília) no dia 21/07/2015.

abril de 2015. A postagem também teve o maior número de “gostei” e de comentários. O número de comentários são baixos, em média 2,5 por vídeo, e sua maioria são descrições de compartilhamentos realizados por usuários na rede social Google+¹². A interação do público com o conteúdo é mais ativa nas no *Facebook* como pode ser visto, por exemplo, na comparação do vídeo “Montagem do Acampamento Terra Livre 2015”, que teve 1.209 visualizações no *YouTube* e já no *Facebook*, o mesmo foi visto por 6.900 pessoas¹³.

Uma possibilidade oferecida pela interface encontra-se na incorporação os vídeos em outras páginas na internet através de seu reprodutor de vídeo, característica do princípio da automação dos novos meios. O canal da Mobilização Social Indígena utiliza-se desta ferramenta ao distribuir os vídeos em postagens no *Facebook* e no *blog* do movimento. Segundo Burgess e Green (2009, p. 22), esta característica do *Youtube* “[...] oferece aos seus participantes um meio de conseguir uma ampla exposição”, ou seja, a ferramenta possibilita uma maior exposição do conteúdo pela internet através da convergência entre as plataformas.

Com relação ao conteúdo, os vídeos fazem a cobertura do 11º acampamento Terra Livre ocorrido entre os dias 13 e 16 de abril de 2015 em Brasília – DF. O manifesto é realizado como parte da Mobilização Social Indígena, onde indígenas das cinco regiões do país montam um acampamento em frente ao Congresso Nacional e lá organizam protestos, caminhadas, reuniões com parlamentares, dentre outras atividades.

A proposta narrativa do canal vão de encontro ao estudo de Oliveira (2009, p.33), onde o autor afirma que “a trajetória das culturas subalternas vai ao sentido não da desconstrução da cultura hegemônica mas da busca de autonomia e da validade das suas perspectivas”. Além disso, as novas tecnologias e as redes de intercâmbios virtuais “[...] permitem a disseminação das diferentes vozes, permitem que os distintos grupos se comuniquem, falem uns com os outros e nesse movimento é possível que as vozes se elevem tanto que não seja mais possível deixar de escutá-las.” (MENDONÇA, 2009, p. 51). Desta maneira, ao produzirem vídeos sobre os protestos,

¹² Rede social do Google. Disponível em < <https://plus.google.com/>>.

¹³ Dados do *Youtube* e *Facebook* verificados às 16h10min (horário de Brasília) no dia 21/07/2015.

os indígenas apresentam os seus pontos de vista com relação às ações do governo que prejudicam seus direitos, o que torna o diálogo sobre estas mais amplo e democrático. Ainda, a divulgação de seus movimentos demonstram a força das comunidades indígenas na defesa de seus direitos e auxilia na superação do preconceito e no descaso da sociedade em relação à sua cultura.

4. Considerações finais

Através das mobilizações sociais indígenas, construiu-se uma rede entre as populações indígenas nacionais onde a troca de informação e a colaboração de seus membros permitem que suas lutas tornem-se mais representativa no confronto frente aos interesses dos poderes hegemônicos. E através da internet, estas manifestações tornaram-se melhor organizadas e divulgadas, o que permitiu uma comunicação sem fronteiras com as populações indígenas de todo o país. Além disso, sua divulgação fez com que pessoas que simpatizam com estas causas participassem da mobilização e/ou auxiliasse em sua divulgação pelas redes sociais.

Por ter um caráter mais dominante e que permite menor interação entre receptor e produtor, as grandes redes de comunicação de massa acabam por ter um conteúdo que, muitas vezes, não beneficiam as minorias. E é aí que se encaixa a importância das novas mídias, já que possuem uma faceta mais inclusiva e participativa.

A utilização do *YouTube* por estes movimentos sociais propõem uma nova ótica frente aos problemas que afligem estes povos. Através de recursos audiovisuais, os índios podem criar suas próprias narrativas e demonstrar seu posicionamento frente aos problemas de sua população. Deste modo, a pluralidade de saberes contribui para a construção de uma inteligência coletiva que permitirá a sociedade analisar os fatos ocorridos através de múltiplos focos de observação.

REFERÊNCIAS

BURGUESS, Jean, GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Internet e sociedade em rede**. In: MORAES, Dênis de (Org). Por uma outra comunicação. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. p. 255-288.

DAHRENDORF, R. **O conflito social moderno: um ensaio sobre a política da liberdade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

DIAS, A. V. M.; FERREIRA, D. C. M. **O podcast como promotor dos multiletramentos na sociedade contemporânea**. Campinas: Revista Sonora - IA ISSN 1809-1652 No 7 - V. 4, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009

LEVY, Pierre **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen em la era digital**. Barcelona: Paidós, 2005a.

_____. **Novas mídias com tecnologia e ideia: dez definições**. In: Leão, Lucia (Org.). O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Ed. SENAC, 2005b.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2011.

MENDONÇA, Maria Luisa Martins de. **As múltiplas faces da cultura**. In: MENDONÇA, M. L. M. (org.) Mídia e diversidade cultural: experiências e reflexões. Brasília: Casa das Musas, 2009. p. 39-52.

OLIVEIRA, Dennis de. **Cultura de grupos subalternizados: espaço para construção de novas subjetividades políticas**. In: MENDONÇA, M. L. M. (org.) Mídia e diversidade cultural: experiências e reflexões. Brasília: Casa das Musas, 2009. p. 19-38.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias a Cibercultura**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2004.